

LEX

LEX

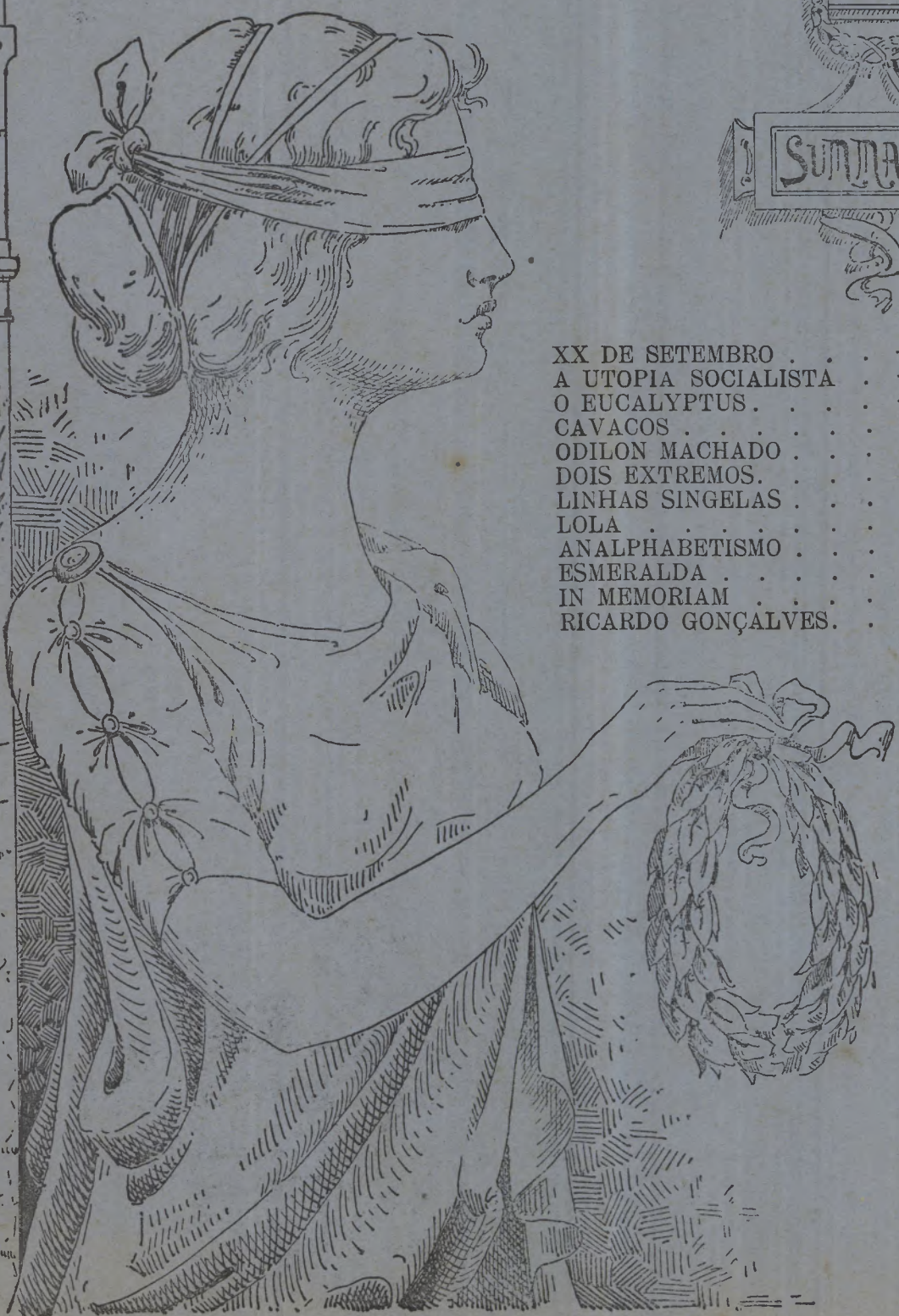
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO
Nº 01693
ARQUIVO

O 11 DE AGOSTO

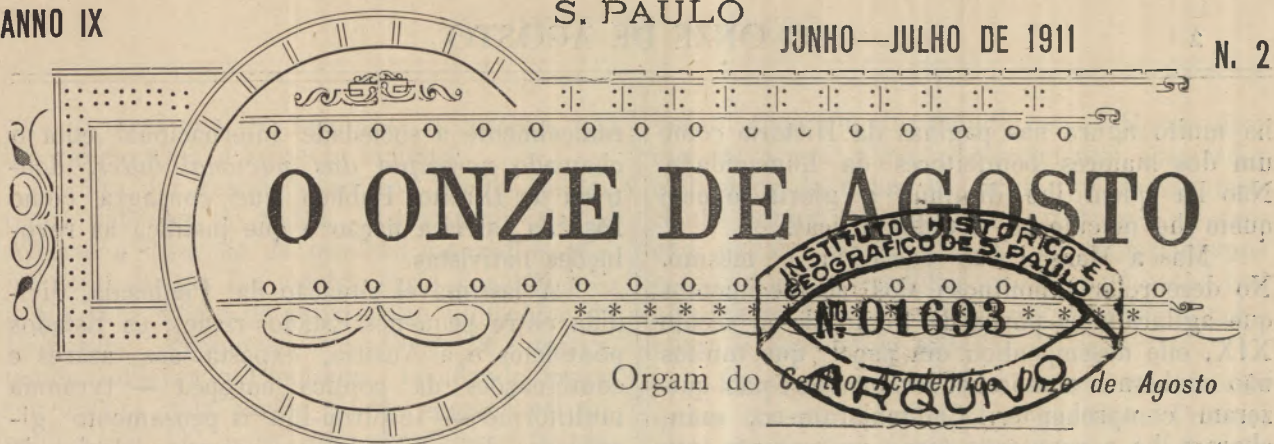
ANNO IX
Nº 2



SUMÁRIO



XX DE SETEMBRO	— Carneiro de Mendonça
A UTOPIA SOCIALISTA	— Alexandre Corrêa
O EUCALYPTUS	— Guidal
CAVACOS	— L. V.
ODILON MACHADO	— Argymiro Acayaba
DOIS EXTREMOS	— José do Patrocínio
LINHAS SINGELAS	— Herval de Caxias
LOLA	— Horacio Ramos
ANALPHABETISMO	— Odilon Machado
ESMERALDA	— Juarez Lopes
IN MEMORIAM	— Roberto Moreira
RICARDO GONÇALVES	—



Collaboração exclusiva dos alumnos da Faculdade de Direito de São Paulo

COMMISSÃO DE REDACÇÃO: *J. O. de Lima Pereira, José Nogueira da Silva, Melchior Carneiro de Mendonça, Euclyles Ferreira Gomes e Pedro Krähenbuhl.*

XX DE SETEMBRO

(MAZZINI E «LA TERZA ROMA»)

A todos aquelles, para quem, mercê de uma ordem elevada de sentimentos e de uma intelligencia superior, a vida não se resolve no acanhado circulo dos interesses de cada dia, a Humanidade é uma vasta associação de entes que se devem unir e auxiliar mutuamente, como membros de uma mesma familia. Para esses, os factos que se desenrolam na historia dos povos e que traduzem uma alta aspiração humana figuram, não já como acontecimentos restrictos a uma determinada sociedade, mas como um esforço legitimo a pro da felicidade e do bem estar do maior numero, que devemos coadjuvar com a força do apoio moral, com o estímulo vigoroso da solidariedade universal.

E esse sentimento de fraternidade humana, que desconhece fronteiras e raças, e que a civilização vai, dia a dia, alargando, apparece-nos como a synthese ideal, a mais formosa e a mais elevada, de todos os nobres impulsos da alma, porque se funda na mais bella das virtudes—o altruismo.

Assim que, vencendo o indifferentismo tão característico de passadas eras, os povos policiados sabem acolher, com movimentos de animadora sympathia, todas as tentativas liberaes tendentes á implantação de um principio santificado, como essa que visou a realização do ideal da independencia de uma collectividade sacrificada ás ambições da tyrannia multiorme e assassina.

O 20 de Setembro representa o supremo grito de victoria da nação italiana na batalha plurisecular pela sua independencia. O mundo latino saudou na alvorada desse dia esquecivel a consumação da epopéa italiana, que exigira o concurso de todas as energias dispersas dos legionarios peninsulares.

Esmagando o «eterno inimigo» austriaco, dominando os tyrannetes dos pequenos Estados que retalhavam a Peninsula, destruindo o poder temporal da Igreja com a conquista de seu ultimo baluarte, e vencendo os manejos e subtilzas da diplomacia européa, os heroicos povos da escravizada Italia, após horripilantes hecatombes e um esforço herculeo, lograram afinal realizar o fascinante ideal, que a outros se affiguraria obra super-humana, da UNIDADE PATRIA!

Agora, os heróes.

A integração italiana teve um numero incontavel de heróes e de martyres, que a Historia não esqueceu; mas, sobre todos, dois nomes se impõem á admiração universal, pelo valor de seus genios, pela continuidade e persistencia de esforços e pela latitude da obra executada: Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi. Nasceram: o primeiro em Genova, em 1805, e o segundo em Nice, em 1807.

Ha, entre esses dois descommunes paladinos da Liberdade—tão differentes quanto aos processos de acção—notavel semelhança de sentimentos, de ideaes e de fins.

Garibaldi, a quem o notavel historiador francez Michelet considerou como o maior heroe da Europa, «symboliza, no dizer de Ferri, as multiformes manifestações do genio e do sentimento latino», desse mesmo genio e desse mesmo sentimento, feito de philanthropia, de abnegação e de bondade, que se constitue paladino espontaneo dos soffrimentos e das agruras humanas, alheias. E' a espada temivel, não a que sacia em sangue extranho instinctos bestiaes, carniceiros, degenerados, mas a espada ao serviço da idéa humanitaria, agindo pelo dever, a espada vingadora da escravidão dos povos, a espada da Liberdade.

Carducci, numa oração celebre, commemorativa de sua morte, transfigurou-o no heroe velando dos cimos dos Alpes os destinos da Italia.

Seria trabalho vão tentar realçar a personalidade do heroe de Caprera, porque elle de

ha muito figura nas paginas da Historia como um dos maiores bemfeitores da humanidade. Não ha quem lhe diminua a gloria e nem quem lhe macule as virtudes civicas.

Mas a Mazzini não succedeu o mesmo. No desenrolar tumultuoso dos acontecimentos que agitaram os povos da Peninsula no seculo XIX, elle desempenhou um papel que muitos não souberam comprehender ou que não quizeram comprehender. Calumniaram-no, mancharam-lhe a reputação (era, no emtanto, um character purissimo), diversificaram-lhe as intenções, perseguiram-no. . .

E porque? Porque, genio e patriota, teve a ousadia de prégar, a uma sociedade em que a escravidão pelas tyrannias creara raizes seculares, principios radicaes, inspirados no bem, no justo e no humanitario.

A tanto levam as aberrações do proselytismo, as ambições e os preconceitos!

Mas a Historia, *lux veritatis*, é inflexivel nos seus juizos finaes, porque não é escripta pelos seus compartes. O consenso dos posteros (e desgraçado o povo que não sabe comprehender e fazer justiça aos seus heroes!) melhor instruidos pelo testemunho dos factos e guiados pela luz da verdade, soube avaliar-lhe a obra, advinhar-lhe o pensamento director e rehabilitar-lhe o nome perante o conceito das progenies vindouras.

Nunca um homem fez tanto pela sua Patria. Gigante do pensamento, escravo de um ideal, apostolo de uma fé, devotando-se com todas as energias da alma á Patria e á Humanidade, elle foi o super-homem do resurgimento italiano, o centro motor de onde se derivavam as energias que, quaes fluidos occultos e mysteriosos, deviam acordar as massas do lethargo do captiveiro moral, embebel-as do ideal febril da independencia, impellil-as para os campos de batalha e lançal-as a caminho da victoria final.

Era a idéa creadora e potente e o apostolo que, pelo verbo illuminado, a transmittia, convincente, de villa em villa, de cidade em cidade, pelo livro e pela imprensa.

Não guiou os exercitos, mas alliciou e fez os generaes.

E' bem verdade o que disse Zola: «*Le triomphe d'une idée unique demande la vie d'un homme*». Não se exagerará, affirmando que elle sacrificou meio seculo de existencia numa lucta continua para a diffusão de suas crenças.

Ainda joven, filiou-se á sociedade dos *Carbonarios*, que tinha a sua sêde em Paris. Denunciado tempos depois, era recolhido á prisão de Savona. Foi durante estes mezes de carceragem que nas suas potentes faculdades criadoras germinou a grandiosa concepção da *Joven Italia*, celebre associação que, propagando-se rapidamente pelo mundo européu, ia abalar

radicalmente a sociedade internacional com o chamado *principio das nacionalidades*, doutrina de Direito Publico que consagra como base da patria a nação e que justifica as revoluções nativistas.

A lastimavel situação da Peninsula, dividida entre pequenos Estados rivaes, os Estados pontificios e a Austria, exposta aos azares e combinações da politica européa — tyrannia multiforme — inspirou-lhe o pensamento gigantesco de, evocando as passadas glorias de Roma, reerguer a exausta e dilacerada Italia, rehabilitar-a perante o mundo e atiral-a na desfilada da reconquista de seus antigos destinos. Tal era o grandioso escopo da Associação ideada.

A obra homérica, já preconcebida por Dante e Machiavel, ia desafiar as forças do novo Hercules. As reminiscencias seductoras da Roma de remotas éras, coberta de glorias, de esplendores e de prestigio, em contraste com a Roma actual — sepulchro dos vivos, — vinham actuar no espirito do genio solitario como uma invocação de uma terceira Roma.

«*Io aveva in me il culto di Roma. Fra le sue mura s'era due volte elaborata la vita una del mondo*».

Depois da Roma dos Cesares, portadora da idéa do Direito e da civilização, depois da Roma, fóco da revolução redemptora christã, assaltava-lhe o cerebro a imagem tentadora de uma nova Roma: «Porque não surgiria de uma terceira Roma, — a Roma do povo italico — uma terceira e mais vasta unidade, que, harmonizando Terra e Céu, Direito e Deveres, fallasse, não aos individuos, mas aos povos, uma palavra de Associação que indicasse aos livres e eguaes a sua missão neste mundo, o seu papel na estrada da civilização?» E prefigurou «a Italia renascida de um salto, missionaria de uma fé de Progresso e de Fraternidade, mais vasta ainda do que a antiga, junto á Humanidade».

E a *Joven Italia* propunha-se realizar, como fim dominante, a *Unidade Nacional* e, depois, pugnar pela soberania popular, pela Republica, pela Liberdade...

Si o projecto magnifico encontrou um genio que o concebesse, achou tambem o braço possante que o executasse. Dante e Hercules davam-se as mãos, completavam-se numa só figura.

Commutada a sua prisão em exilio na França, entregou-se á obra colossal. Nunca mais repousou. Longe dos carinhos da familia, seguido de um punhado de abnegados compatriotas, pobre de recursos, victima das perseguições incessantes por parte dos governos piemontez, francez, suisso e austriaco, que o forçavam a uma peregrinação continua, empregou os ultimos 35 annos da sua vida errante e desasocegada na lucta pela implanta-

ção do ideal que lhe torturava o cerebro, que lhe salteava dia e noite o espirito.

Para dar realidade ao seu sonho, tentou tudo, valeu-se de todos. Ao assumir Carlos Alberto a direcção da pequena monarchia piemontesa, dirigiu-lhe celebre carta concitando-o a pôr-se á frente do movimento unificador da Peninsula. Promoveu expedições á Corsega, tentou sublevar o Piemonte, insuflando insurreições por toda parte. Num memoravel appello a Pio IX, para que abraçasse e favorecesse a causa dos povos italianos, vaticinou a queda do poder temporal da Igreja. Poz-se em contacto com os maiores democratas e notabilidades da França e de outros paizes, que o animaram com o apoio ás suas idéas. Fundou a *Joven Europa*, humanitaria e vasta associação destinada a promover revoluções nacionalistas entre os povos sujeitos ao dominio estrangeiro, e juntando a acção ao principio, contribuiu, com a força de seu grande prestigio e auctoridade, para as tentativas de libertação da infeliz Polonia.

O apostolo criava proselytos, e a doutrina, crentes, que se multiplicavam dia a dia. O evangelho prégado venciu todas as resistencias. Como a semente que a Natureza adaptou á aridez dos desertos, crescia, impulsionada por maravilhosa força germinativa, mesmo entre as rochas do absolutismo peninsular, envolvendo-as ameaçadoramente nas suas contorcidas e enleiantes ramagens.

A idéa liberal, diffundida nos escriptos incendiarios da *Joven Italia*, proseguia no seu curso, perfurando e penetrando, vagarosa, inflexivel, persistente, o solo convulsionado da Peninsula. Espaçados e quasi imperceptiveis extremecimentos denunciavam que qualquer coisa de latente e de occulto lhe trabalhava o subsolo.

Sim, as entranhas da terra estavam minadas pela Idéa-petroleo... A revolução liberal de 1848, em França, foi a chamma ateadora do incendio. E a explosão formidavel, irrompendo do sólo vulcanico pela bocca de mil crateras, derramou por toda a parte a lava incandescente da revolução libertadora...

Triumpho ephemero, enganadora esperança! O abalo enorme não fez mais do que romper os diques Alpinos que continham as massas germanicas e precipitar sobre a Italia a torrente austriaca. E com as hecatombes de Milão e Novara reprimiam-se mais uma vez, nos peitos das heroicas legiões peninsulares, as renascentes aspirações de um povo pela sua independencia.

Mas não se perdera tudo. As forças remanescentes dos revolucionarios ainda puderam celebrar um resquicio de victoria com a tomada de Roma, onde implantaram a Republica, de curta existencia. Mazzini, ao lado de Aurelio Saffi e Armellini, figurou no seu go-

verno como um dos triumviros. Pode-se dizer que foi a sua alma, o pensamento inspirador e director de todos os actos governamentais. Soube conter admiravelmente o espirito de facção, evitar discordias, conciliar antagonismos e tomar sabias medidas tendentes não só á boa administração dos negocios do pequeno Estado, como á sua defesa militar.

Preparavam-se os republicanos para a conquista do reino de Napoles, quando a França, temendo que os successos militares da Austria impellessem-na á conquista da Italia central, lança sobre Roma o exercito do general Oudinot. Os seus habitantes oppõem ás tropas francezas uma resistencia desesperada; Garibaldi opera prodigios de bravura e de heroismo; mas, após semanas de mortiferos combates, o general Oudinot toma a cidade, dissolve o governo e restabelece os Estados pontificios.

Os patriotas italianos não desanimaram, porém. A demonstração de forças lhes mostrara que, não fôra a intervenção franceza, a tentativa de reunir, pela conquista, a maioria dos Estados da Peninsula nos laços da Unidade italiana, ao menos em parte vingaria.

Mazzini, sempre confiante no futuro, proseguia, imperterrito, na sua systematica campanha libertaria.

Governava agóra o Piemonte Victor Manuel II, e o seu celebre ministro, Cavour, procurava, por meio de habilissima politica diplomatica, promover o engrandecimento do pequeno Reino. Mirava, com o apoio de Luiz Napoleão, conquistar á Austria as provincias vizinhas da Lombardia e Venetia. Mas, a sofredão dos patriotas italianos, almejando o apoio da pequena monarchia aos seus projectos de immediata conquista dos Estados Pontificios e Napolitanos, não se conciliava com semelhantes delongas; e dahi uma serie de movimentos subversivos que a Austria e o Piemonte suffocavam em ondas de sangue. As abortadas insurreições de Genova, Napoles, etc. (1857) foram castigadas com innumeradas prisões e penas de morte expedidas contra Mazzini e outros. Escapando milagrosamente ás iras do governo piemontez e afim de fugir á policia europeia, que o perseguia por toda a parte, o grande agitador acoita-se em Londres, onde estabelece o seu quartel general de combate

Revelando uma actividade multiforme, intervem na politica internacional, descobrindo e desmascarando segredos e conchavos diplomaticos, o que concorria para excitar contra si as coleras monarchicas. Com os olhos sempre fixos na Patria longinqua, redige o *Pensiero e Azione*, fua a Escola italiana e procura obter o apoio de vultos eminentes da politica ingleza á causa nacional. Sempre influindo na actividade politica do seu paiz, do seu cerebro possante continuam a dimanar, ininterrupta-

mente, as vagas nervosas que têm de estimular, reanimar e reunir as energias exaustas e dispersas dos seus compatriotas, preparando-os para a lucta redemptora, que se annunciava não longe nos horizontes europeus.

A dolorosa situação da Italia, exposta no congresso internacional de Paris (1856) e no Parlamento inglez (por Lords Russel e Palmerston), começa a attrahir para ella o interesse e sympathia das potencias.

O Piemonte, depois da conferencia secreta de Cavour com Napoleão (em Plombières), arma-se. E a França, resolvida finalmente a intervir na lucta contra a Austria, arremessa os seus poderosos exercitos contra as fronteiras da nação rival (1859), e nas memoraveis e brilhantes pugnas de *Montebello*, *Palestro*, *Magenta*, *Solferino*, as forças austriacas são fulminadas pela colligação franco-italiana. O Piemonte, o diminuto e valoroso Reino encravado entre a França e a Suissa, se engrandece com a annexação da Lombardia, cedida pela Austria. Mas o astuto Napoleão III, obtida, em paga do seu auxilio, a cessão dos territorios italianos de Nice e Savoia (na verdade, perda bem pequena á vista das vantagens adquiridas por outro lado), abandona calculadamente o campo da lucta, ficando ainda em poder da Austria um trecho precioso á Italia — a Venetia.

A unificação da Peninsula estava a mercê das contingencias da politica internacional, e a monarchia sabauda não ousava proseguir na conquista dos Estados pontificios, porque jingira-se aos manejos napoleonicos. E era contra isto e contra as transacções de Nice e Savoia que se insurgira Mazzini.

Mas, a não do Estado piemontez, governada por timoneiro cauteloso e adestrado como Cavour, soube afrontar e resistir com felicidade ás investidas dos maroiços bravios das vindictas populares.

Mazzini clama pela acção immediata, quer vêr a Italia, pela iniciativa popular, levantar-se una contra os oppressores e afirmar as suas energias vitaes no campo da lucta pela independencia nacional. «A Italia livre e una por virtude propria ensina aos povos como se esmagam as tyrannias», é o que a Historia deve inscrever em suas paginas, diz. Está prompto a sacrificar expontaneamente os seus ideaes republicanos á unidade patria, «*innanzi a cui ogni altra questione diventa secondaria.*» No protesto contra a intervenção napoleonica declara: «Nós seguiremos a monarchia piemontez e promoveremos, com todos os nossos esforços, o bom exito da guerra, *com tanto que ella tenda de modo explicito á unidade italiana.*»

E transportando-se para a Patria, reacende o incendio na Peninsula. Emquanto o Reino sardo vai annexando successivamente ao norte os ducados de Parma e Modena, a Ro-

magna e a Toscana, o genio de Garibaldi opera maravilhas no sul, conquistando a Sicilia e, por fim, Napoles aos Bourbons. A incorporação das Marcas e da Umbria levam á proclamação solenne do Reino da Italia (Março, 1861).

Faltava, porém, muito ainda e o mais difficil: a reivindicacão da Venetia, em poder da Austria, e a posse de Roma, que a França catholica na permittia, em mãos do papa.

E é então que as conveniencias da politica europeia e o arrojo sublime de Garibaldi conduzem ao desastre lugentissimo de *Aspromonte*.

Mas, os rapidos progressos militares da Prussia iam favorecer indirectamente os novos destinos da Italia. Assim é que estala em 1866 a tremenda guerra entre aquella nação e a Austria, e Victor Manuel, aproveitando-se das circumstancias, obtem a cessão da Venetia.

Faltava Roma, a porção mais valiosa e mais cara á Italia. A posse da Cidade Eterna era, porém, um problema grave e complicado, porque, velando os destinos da Roma christã e papal, estava o gigante francez, e a experiencia demonstrara, por mais de uma vez, aos italianos, que loucura seria afrontar as suas coleras. «As maravilhas do *chassepeaux*», em Mentana, comprovaram-no.

Mas, não tardou que em 1870 desencana deasse por sobre a heroica e desventurada França a tempestade fulminante do raio prussiano. A catastrophe luctuosa de Sedan fez com que a sentinella franceza desamparasse os muros da Cidade Eterna, e Roma cahiu...

E assim, a 20 de Setembro de 1870, as suas muralhas desbarrondavam-se, num estrondo universal, sob as arremettidas valorosas da italianidade remocada e indomita.

Realizara-se, emfim, após uma serie infinita de batalhas, o primeiro capitulo da concepção Mazziniana.

Roma, o eixo central da civilização antiga; Roma, a aguia imperial e omnipotente, que abrigara sob suas azas o mais vasto e duradouro imperio que se conhece; Roma, o mystico sacrario da fé christã, o solio do reino de Deus na terra; Roma, a reliquia veneravel de 30 seculos, a immortal, a predestinada, volvia, após tantas luctas, aos seus antigos destinos de depositaria sagrada das tradições latinas e á missão de servir de centro a uma nacionalidade renascida e revigorada na intelligencia, na cultura, e na energia...

O povo que a conquistou mostrara-se digno de semelhante thesouro.

O resurgimento italico é, pois, obra cyclopica de uma raça de gigantes, e teve como factor maximo a figura quasi divina de Mazzini, — o vexillario sublime de patriotismo que conseguiu congregar em torno da bandeira da Liberdade todas as energias civicas do seu povo.

A' medida que os annos correm e que, consoante a lei do tempo, a critica estudiosa e o juizo recto vão restabelecendo a verdade dos factos, o seu vulto projecta-se crescentemente nas paginas da Historia, ahi figurando, numa altitude dominante, ao lado de Garibaldi, Cavour e Victor Mancel, como o inspirador e o artifice supremo dessa nova Italia, que todos amamos e admiramos no seu genio, no seu sentimento, na sua energia e na sua missãõ civilizadora.

E com prazer o constatamos, a Italia, sempre renovada nas suas energias, caminha para o ideal Mazziniano da omnimoda Liberdade e do Progresso, palmilhando a estrada luminosa que o genio possante, inspirado no mais puro humanitarismo, lhe traçara.

S. Paulo, 20 de Setembro de 1910.

M. CARNEIRO DE MENDONÇA.

A UTOPIA SOCIALISTA

Em se tratando de uma publicação dirigida por academicos de direito, parece deveriamos aqui nos occupar com assumpto de natureza juridica.

Assim pensavamos, quando bondoso collega de nós solicitára, tirando-nos, por momento, da obscuridade em que mourejamos, rascunhassemos algo para a revista. Inseguro, porém, sobre o que houvessemos de discorrer, nenhum thema melhor talhado se nos apresentou, que o encimado a estas linhas.

Não é, propriamente, convimos, um capitulo da sciencia do direito; entretanto—questão sociologica—entretém intimas relações com as demais sciencias sociologicas, e dellas não diverte o direito, pertence-lhes antes como importantissima ramificação. Dahi o poder cognominar-se, ao nosso assumpto, uma questão *social juridica*. Como tal estudal-o-emos, enctando por dividil-o, e naturalmente, em duas partes: 1) o socialismo—*utopia social*; 2) o socialismo—*utopia juridica*.

Comprehende o leitor que, no apertadissimo ambito de um artigo, impossivel nos será exharar profundos e vastos commentarios sobre tal materia, que exige annos de estudos—e não os temos—e a alentadissimos volumes proporcionaria occasião.

Outrosim, rogamos a quem por ventura nos leia não cogitar em dessedentar-se com refulgencias estylisticas neste pauperrimo ensaio de um *calouro* na Academia das Lettras (não na *Academia de Lettras*...) Aliás o ensejo seria improprio em tal ordem de argumentos. Isto posto, vamos á nossa primeira parte:

1) *O socialismo é uma utopia social.*

Carlos Marx disse do socialismo, que é «a expropriação dos usurpadores pelas massas populares, o toque de agonia do liberalismo». (1) E que é o liberalismo? Successor post-revolucionario do absolutismo. Mas, si, como assevera Marx, o socialismo é o inimigo ferrenho do liberalismo, a tal ponto que lhe é o toque de agonia, no fundo, conforme provarmos, lhe é identico.

D'ahi o adunar-se o socialismo com a Revolução.

E' elle, pois, a) *o inimigo do liberalismo Revolucionario.*

Ninguem nega o imperio actual, na politica, do liberalismo (donde não se conclua que delle compartimos, bem ao contrario). Ora, o liberalismo se nos antolha no duplo aspecto de systema politico e economico. Emquanto systema *politico*, filia-se directamente a Rousseau, o que equivale a lhe traçar o programma de systema individualista e independente, sendo o systema de Rousseau, socialmente falando, atomistico mechanico. E uma prova das nossas asserções é a *Declaração dos Direitos do Homem*, da Revolução. Si, no reinado do absolutismo, o Estado absorvia ao individuo, o liberalismo, ao inverso, concebe o Estado como uma dependencia do individuo.

Sob o ponto de vista de systema *economico* (resumimo-nos por exiguidade de espaço), o liberalismo segue as pisadas de Ricardo e Cobden, discipulos, por seu turno, de Adam Smith e Rousseau. Pois o *laissez passer, laissez faire* economico de Smith, que outra coisa é senão o extender á Economia Politica o individualismo rousseuniano?

Tal, em seus largos traços, o liberalismo—systema economico.

E o socialismo, que nos doutrina como systema politico e economico?

Totalmente antithetico é ao liberalismo. Si este, como escola politica, apregoa a autonomia individual, o socialismo—e, assim, resurreição do antigo absolutismo—absorve o individuo no grande todo social.

Si, por outro lado, como systema economico, o liberalismo é a applicação economica da sua doutrina politica, como vimos, ao inverso—porém consequentemente—o socialismo é tambem a applicação economica das suas doutrinas politicas. D'onde, qual na politica, a absorpção do individuo pelo aggregado economico.

E', portanto, em virtude de tão radicaes discrepancias, o socialismo opposto ao liberalismo, segundo acima asseverámos.

E «a causa, por que os socialistas se mostram tão asperos para com o liberalismo, provem de não querer este perder a sua influencia

(1) Marx, *Das Kapital*, (4) I, 729; *Vorrede*, XII. Apud Weiss—Apol. Christ. vol. 7.º

política e económica (o grypho é nosso) sobre a sociedade.» (2)

Não obstante esta opposição, b) *no fundo*, o socialismo é identico ao liberalismo, o que, aliás, melhor explica o odio que a ambos separa. «O odio do socialismo contra o liberalismo, e o temor deste ultimo são tanto maiores, quanto mais se relacionam entre si os dois systemas, por suas ideas fundamentaes, por suas ultimas deducções, em summa, por sua natureza.» (3)

De facto, tanto n'um como n'outro systema, identificam-se as ideas em relação á «religião, á verdade, á moral, e ao direito.» Assim, v. g., quaes os principios basicos da moral—ou da sociologia, si quizermos—na escola de Rousseau? São as theses seguintes: a) o homem é bom por natureza; b) a má sociedade o corrompe.

Ora, ambos estes principios são communs ao liberalismo e ao socialismo, (4) e d'elles, é intuitivo, decorrem corollarios de ordem religiosa, logica e juridica. Logo, no campo da religião, da verdade e do direito, ha paridade de conceito, em os dous systemas.

Isto assentado, embora muito pela rama, procuremos estudar propriamente o socialismo em si, e demonstrar a these supra.

Retomemos a asserção de Marx: o socialismo é «a expropriação dos usurpadores (*scilz.* liberalistas) pelas massas populares, donde, é claro, o socialismo se nos apresenta, ao menos em theoria, como o governo das massas pelas massas (*horresco referens*); e, convenhamos, logica é esta reacção—falsa muito embora e temerosa nas suas consequencias—contra o despotismo liberalista.

Mas, si assim é, o socialismo, a) *tende a derruir a ordem social existente*, pregando a mais arrojada ochlocracia; ensina a nivelção universal de todos os individuos e, consequentemente, sob todos os pontos de vista; doutrina a «supressão de todo o limite de classes, de nações, de Estados, para chegar ao internacionalismo e ao cosmopolitismo». E por aqui se verifica que não é o unico fim do socialismo, como a muitos se afigura, sómente melhorar a posição economica do operariado; ao contrario, é este mero pretexto para a execução do seu programma destruidor. E sem sermos prophetas, ousamos asseveral-o, no caso do *possivel* triumpho do socialismo, a classe que mais conspurcados terá os seus já delimitadissimos direitos, será, sem sombra de duvida, o proletariado.

Ora, concluamos, a ochlocracia socialista, a nivelção universal, etc., inexistem ainda na

sociedade presente; logo (conclusão *a fortiori*) será mister, para o triumpho de taes ideas, o *derruir* a ordem social existente. «O socialismo—pondera profundo sociologo e jurisconsulto moderno (5)—não tem por objecto o melhora-mento da sociedade, senão a completa destruição do velho edificio. Talvez o logre, mas, por certo, não conseguirá edificar outro novo.»

E', logo, o socialismo *um como anarchismo*. Pois não estão todos a comprehender que o *derruir* a ordem social existente é o fim anarchista? O anarchismo é o sacrificio voluntario de Vaillant, Ravachol, Caserio, Perowkaja em pró da demolição da sociedade; são as doutrinas perigosissimas de Krapotkin—corypheu do anarchismo europeu—de Tolstoi na Russia; de Proudhon (já um tanto avelhentado) na França; de Liebknecht, Marx e outros, na Allemanha; é a revolução Ferrer, na Hespanha; é... o maçonismo universal. Tudo isso é o anarchismo; e tudo isso é o *socialismo*. Donde, affirma competentissima auctoridade, «todo convencido e consequente socialista é sempre anarchista ou nihilista.» Mas... as provas do que affirmamos? Eil-as.

O fim do socialismo (leia-se *anarchismo*)—diz o *Vorwärts* de 7 de Julho de 1891, organo do socialismo allemão, do qual é *pars magna* Liebknecht—é aggravar a situação social existente, para chegar ao total aniquilamento da sociedade.

«Com ninguem pactuamos—escreve Liebknecht—mantemos bem alto e com firmeza, nosso character revolucionario» (6).

«Somos os barbaros modernos—acrescenta K. Henkell—somos os vandalos modernos; enturvamos a ordem e os costumes, a lei e a justiça; onde aportamos, parece rugir um mundo que se afunde». (7)

Horripilantes estes versos de Neruda:

«Como leões captivos, precipitamo-nos contra as barras de ferro da nossa jaula. Quizeramos affrontar até ao céu, mas a terra nos retém». (8) Isto é, *destruamos a sociedade!* Etc., etc.

Fallaram as auctoridades; todas unisonas, proclamam que o *socialismo é o anarchismo*. Convença-se o leitor.

Mas, si o socialismo almeja derrocar a ordem social existente, é incompetente para edificar outra nova. Pois não lançou em todos os cerebros a negação do principio de auctoridade, da soberania de *alguns* superiores ás massas, de um governo garantidor dos direitos individuaes? Ora, é palpavel, unicamente a auctoridade, regularmente constituida, é apta

(2) Weiss, *Apcl do Christ*, vol. 7.º pag. 109.

(3) Cf. Cathrein, *Moral philosophie* (3) II 187 e segs. — *Ibidem*, *Der Sozialismus*, (7), 154 e segs. e Biederbach, *Die soziale Frage* (2) 58 e segs. — Op. cit.

(4) Weiss, Op. cit. pag. 109.

(5) Weiss, id. 103

(6) Protocollo do Congresso de Halle 1890, pg. 96.

(7) Dub. c, *Hundert Jahre Zeitgeist*, II, 161.

(8) Scherr, *Bildersaal der Weltliteratur*, III, 296 e segs.

para garantir a ordem social existente. A conclusão impõe-se, não é mister que a tiremos.

Finalizando a primeira parte da nossa these, quer nos parecer que já nos assiste o direito de estabelecermos categoricamente : *o socialismo é uma utopia social*. Convém, entretanto, explicarmo-nos do uso que fazemos da expressão *utopia*. Não pretendemos com ella significar que o socialismo seja *irrealizavel*, na pratica ; bem ao contrario, muita possibilidade vemos da realização. O que queremos dizer é que o socialismo, mesmo quando seja um *facto* — *quod Deus avertat* — não influirá *longamente* nos destinos humanos, uma vez que a ordem, e não a anarchia, sustem o viver social.

De ordem é o viver social ; mas quem garante a ordem social ? O direito (a força é mero instrumento do direito). Mas o socialismo é a subversão de todo direito, é uma enormidade juridica.

D'aquí o aspecto juridico da nossa these : *o socialismo é uma utopia juridica*. Esta segunda parte do thema exige dilatado estudo, que, repetimos, não cabe num simples *artigo de jornal*. Por isso, e mesmo porque já vamos assaz avançado, em detrimento do repouso do leitor, e com o nosso animo já bastante fatigado, resolvemos deixar a questão subsequente para quando mais asada nos venha a occasião, e aqui estacionamos.

E, para finalizar, nada mais adequado nos occorre, do que uma passagem de Homero applicada ao pobre ser humano dementado pelos desvarios socialistas.

«Ou men gar ti pou estin oizyrôteron andros pantôn hossa te gaiian epi pneiei te kai herpei».
(P. 446 Iliada).

Ou, em vernaculo :

De todos os entes que respiram e rastejam sobre a terra, não ha nenhum mais desgraçado do que o homem !

Sim, mais desgraçado do que o homem do socialismo !

Para todas as catastrophes sociaes ha, entretanto, um remedio que nunca falhou : a applicação *plena* dos ensinamentos da Igreja Catholica.

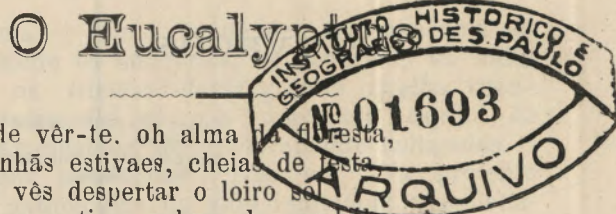
Só a Igreja é capaz de, satisfactoriamente, resolver a *questão social*, que, de dia para dia, mais prenhe de ameaças nos apparece. Então, sob o reinado do Evangelho, pudemos inverter os versos do Epico Grego :

«O' homem ! de todos os seres, que povoam o mundo, tu és o mais rico de felicidades» !.

São Paulo, 1911.

ALEXANDRE CORREA,

4.º annista de direito.



Gosto de vêr-te, oh alma da floresta,
nas manhãs estivaes, cheias de festa,
quando vês despertar o loiro sol
dentre as cortinas rubras do arrebol,
e elevar-se no azul e, num lampejo,
em ti poizar o seu primeiro beijo !
E tu sentes, então, esse tremor,
essa febre, esse fremito de amor
que sente a noiva, subito corada,
pelo beijo do amante despertada...

Gosto de vêr-te, coração da selva,
poisando os pés sobre lençoes de relva,
braços torcidos desafiando o vento,
a fronte erguida para o firmamento,
quando por sobre ti terça e espadana
quentes raios a luz meridiana !
Tu pareces assim o coração
dos namorados que, á scintillação
do sol do amor, se escalda e se arrebatam...
Tu és, de facto, o coração da matta !

Gosto de vêr-te, oh poeta do sertão,
quando, em tardes amenas de verão,
dominando a paysagem desbotada,
ergues tua haste esguia e delicada
que se destaca assim, delgada e airosa,
de um céu azul com cirros côr de rosa ;
e tu sabes rimar, numa elegia,
teu cicio ao dobrar da Ave-Maria.
Então, com essas rimas brandas, calmas,
fallas aos corações, fallas ás almas !

Gosto de vêr-te, oh espirito da matta,
nas noites de luar, banhado em prata,
quando, extendendo á louca ventania
tezos galhos da tua ramaria
— como as cordas harmonicas das lyras, —
uma triste cantiga tu suspiras...
Dir-se-á que tu te pões a resmungar
para fazer o bosque adormentar...
E solitaria e negra a sombra tua
parece um bohemio em serenata á lua !

No emtanto, eu scismo : que será de ti
visto fóra do mundo e de per-si ;
sem os beijos da lua e sem a briza,
sem o céu, sem o sol que te electriza ?
Ai ! que frio cadaver não serias,
triste estafermo mudo e sem poesias !
Essa tua apparencia primorosa,
essa tua belleza mysteriosa,
tudo isso é o resultado deste meio
em que tu vives e de cujo seio
roubas reflexos para te adornares,
furtas recamos para te enfeitares !

Eucalyptus gigante, arvore amiga
que o sol redoira e o furacão fustiga
açoitando teu tronco esbelto e nú,
— muitas almas tambem são como tu !

S. Paulo, 15—12—910.

GUIDAL.

Cavacos...

Donec eris felix multas numerabis
amicos;
Tempora si fuerint nubila, solus
eris.—Ovidio.

— Que é o tumulto ?

Ultima, derradeira lembrança do que se foi ;
porto extremo da vida onde ancora a morte.
Da pyramide á cova rasa e barata a mesma
recordação.

— «A morte a todos nivela».

Pura mentira dos homens que, tal dizendo,
não se lembram de um cemiterio.

—Entremos.

E' uma alameda de pinheiros e chorões.

Que sombra suave e fresca !

De cada lado, monumentos.

Paremos um pouco.—O marmore branco e
preto nos grita :

«Este foi um commendador rico. Deixou
parentes que, na manifestação apparatusa desta
tumba, usufruem, já desperdiçam a economia do
morto. «aturado labor de tantos annos».

—E por sobre o peso da pedraria toda : co-
lumnatas, arcadas, archotes, bronzes, esta sin-
gela impressão ironica : «a terra lhe seja leve».

—Um outro marmore exclama: «Passeiante !
Aqui repousa um general. Foi um triumphador.
Nos combates terriveis, a sua retina tinha sem-
pre a visão do triumpho,—nunca da loucura da
patria de que soffriam os miseraveis valentes
que lhe construíam, cahindo nas fileiras, a es-
cada da gloria. Vede ! Repouca, em medalhão,
para a cultura civica dos posteros. A patria
agradecida cinge-lhe a fronte de louros».

—E eu penso com os meus botões : O as-
sassinio nos campos de batalha chama-se—gloria ;
na beira da estrada chama-se—crime.

De facto, o matador de gente deve ser um
exemplo...

—«Aqui, homem ! Olhe ! E' o tumulto de
uma criança rica».

Anjos oram de mãos postas, supplices.

Que tumba grande para um corpo pequeno!

Fim da alameda. Que descortina a vista ?

Cruzes negras, de madeira e de ferro, en-
trelaçadas de flores com inscripções singelas.

Vozes dizem mansinho : «Somos os peque-
ninos e humildes, que viveram nos casebres e
agora na morte repousamos nos cantos e nas bai-
xadas, como párias, porque não nos chegou o
dinheiro para comprar um lindo torrão onde
dormir. E' verdade que muita vez elle não nos
chegou sequer para o pão. Somos felizes por-
que dormimos sem frio no seio maternal da terra».

—Rejeitados na vida e escarnecidos na
morte, repousam emfim. Tanto é passar de um
«nada» dolorido a um «nada» sem dor. A egual-
dade pela morte é um mytho. Nol-o explica a
fabula dos tumulos. O preço dos sete palmos de
terra varia. A vaidade até na morte penetra.
Penetrará no céu ?

* *

— Que vem a ser o céu ?

Para os crentes, a mansão da paz e do con-
forto. Para os incredulos, uma utopia.

—A cupula azulada fala ao crente em es-
perança.

—«Quem espera, desespera».

Para o ignorante, a curva do horizonte é
um limite. Para cá, a dôr, a desolação, o de-
sespero. Alem, a bemaventurança.

Para o incredulo, que conhece o céu pelo
telescopio, quem e alem o espaço intermino.

Um tem na miragem do céu a sua espe-
rança ; o outro tem na realidade do céu a sua
descrença.

—«Felizes, ditosos os pobres de espirito».

O sobrenatural os opprime e dessa oppressão
tiram elles o argumento da felicidade.

Porém, desgraçados os que aprendem, por-
que, com a liberdade que adquirem, vão a pou-
co e pouco abandonando a crença singela, que
crê, porque acha que deve crer.

—Morte e vida são : DUVIDA.

Porque surgimos e desaparecemos ?

Para o crente, a finalidade da vida é o bem.
Para o descrente, a contingencia da vida é o
mal. Um aguarda a recompensa ; o outro o ani-
quilamento. Um aguarda temeroso a approvaçã
dos seus actos ; o outro approva-os ou repro-
va-os na sua propria consciencia.

«A religião é a metaphysica do povo», es-
creveu o pessimista tedesco. E Petronio tangeu
na lyra que : «O temor fez o primeiro Deus».

A alma é uma criação humana ; producto
da evolução humana. O que ha de mysterioso
e vago na natureza sobrepuja o conhecimento.
Após o derradeiro somno ha vermes e lama.
Ha a paz do «não ser», do aniquilamento no
Nirvana.

* * *

Lamento que, após a morte, a sociedade
me enclausure num sepulchro, porque ha em
tudo verso e reverso.

Para a vida, alegria ; para a morte, tristeza.

Para a vida : a passarada rumorosa ; para
a morte : a taciturnidade do corvo.

E eu, si corvo fosse, lançaria a minha mal-
dição sobre o progresso, que manda enterrar os
mortos difficultando a minha vida.

Demais, o circulo de transformação a effec-
tuar-se seria mais rapido. Adviria disso uma
felicidade a tres : o morto elliminar-se-ia da po-
dridão ; o corvo teria farta a mesa, e as cama-
ras não se veriam em embaraços politicos para
nomear zeladores de cemiterio, sendo que as
ossadas, com o tempo, dariam bom estercio cal-
careo.

—A Humanidade é, porém, um D. Quixote
collectivo. Com que magia e encanto fala-lhe
n'alma a enluarada phantasia do mysterio !

As sereias convidam-na para o «banquete
dos Deuses»,—nos pagodes colossaes de Brahma»,
lê as palavras vivas da verdade indú ; nas flo-
restas da Arabia, sonha no mesmo bosque onde
sonhou o propheta ; no cimo do Calvario, soffre
da mesma dor que atormentou o Christo ; no
Oriente, medita os pensamentos profundos de
Confucio.

—E toda essa «humanidade» é feliz. Toda
ella crê que a sua crença é a unica verdadeiras

E as sereias promettem: aqui, o céu; além, a recompensa; acolá, a gloria; mais além, o aniquilamento.

* * *

— «Grande devasso, vaes gozar a voluptuosidade do nada».

Suave perspectiva essa, murmurada aos ouvidos do Braz Cubas em delirio. Eu tenho a ambição dessa voluptuosidade, desse repouso profundo.

«Gozar a voluptuosidade do nada» é sentir a dispersão etherea do corpo, do fardo que carregamos do berço para o tumulo.

E' sentir o aniquilamento da carne: a fibra se esvaindo como um bloco de espumas.

E' sentir-se penetrar na mudez mysteriosa das cousas.

Ser orvalho e ser nuvem, brisa e perfume; ser viração e tormenta.

Um nada que é tudo, um todo que é nada. Um pouco de luz e um pouco de sombra. E' viver no pó de ouro dos astros, no pó de ouro da brasa, na luz do sol, na candeia da choça, «na lanterna azul» dos pyrilampos, na cauda dos cometas, no passageiro fulgor do meteoro, no santelmo dos mastros, no grisú dos minerios, na onda, na rocha, na arvore. E' brilhar no pico dos montes feito neve; ser negro no amago da terra como o ouro; ser rutilo como o fogo. E' ser: flor, fructo, semente, idéa.

E' girar na vida intermina do Universo, de cyclo em cyclo, de orbita em orbita:

.....«o que hoje cae desfeito,
Recompondo amanhã em outro ser perfeito».

E é, tambem, viver sob a mentirosa lembrança dos tumulos, longe de affectos e carinhos.

L. V.

ODILON MACHADO

Meu caro confrade Carneiro de Mendonça.

O perfil que sua penna, sinceramente, traçou de Odilon Machado, é a imagem viva e effragante da figura moral e intellectual do inditoso bacharelado. Odilon foi um trahido em suas aspirações pelo egoismo da sociedade que o cercava.

Precoce no sentir e no soffrer, como todos os rapazes pobres que não quebram a linha de nativa hombridade—Odilon, um puro, não se curvou á simulação como arma fraudulenta de lucta pela vida; um espirito forte, não fraquejou deante das tristes contingencias da materia. Cheio de fé no futuro, não derivou para o nihilismo, não se insurgiu contra os principios da sã moralidade, não quiz transigir nunca, nos meiores actos, com as alicantinas dinheirosas de um meio onde todas as lanças inferiores facilmente triumpham. Preferindo os suores da diurna conquista do pão aos rebrilhantes trophes de todas as subalternidades corrosivas, o joven academico, esgotado de fadiga, como um jornalista, solicitado pelo temperamento a viver puritanamente, movido pelo coração a auxiliar sem queixume os collegas infelizes como elle, que era o unico arrimo de uma familia nume-

rosissima—o joven academico continha com superioridade os martyrios, as penurias, as afflicções, as tristezas dessa grande batalha silenciosa entre elle, só, e a voracidade tigrina de seus semelhantes, devoradoramente colligados.

Seus *semelhantes*? Não sei. Na presente phase pathologica da vida individual e collectiva, raros, muito raros, são os caracteres parecidos com o de Odilon, em sua pobre obscuridade. Um Ribot sociologo definiria magistralmente esse phenomeno de sociologia pathologica. Dahi, desses factos, que enfrentamos, decorre a generalização espantosa que vae adquirindo em todos os dominios da actividade humana a assustadora anomalia da simulação. Os Odilons verdadeiros perecem; os falsos Odilons vencem:—a victoria do mais apto supplantada pela victoria do mais artiloso.

A este respeito, acabo de lêr, no BRITISH MEDICAL JOURNAL, um artigo formidavel, burilado por um Shakespeare medico. Na selva—«selvaggia ed aspra e forte»—do rude viver civilizado, a theoria darwiniana cede logar á theoria da simulação de Ingengnheiros. E' o *mors tua vita mea* de Hobbes, que a civilização capitalista de hoje reveste das virtudes de principio fundamental da existencia. E' o symptoma, em imagem nada pittresca, do bubão moral que se avoluna nas glandulas da evolução sociologica, e que se ha de resolver pela fraternidade, ou suppurar pelos bellos horrores de uma nova revolução franceza.

Na sociedade brasileira, onde o problema economico não apresenta ainda as feições de *l'espectre rouge* da Europa, nós vemos a cada passo, como, por exemplo, na exploração de Odilon Machado, as profundas chagas da decadencia moral da época. Apagam-se os preceitos ethicos. As crenças religiosas diluem-se. E' irritante, já, o contraste entre o fausto e a miseria. Neste ambiente de vida, a moral deixa de traduzir necessidades da natureza humana e converte-se em mero preconceito.

Meu querido MENDONÇA: foi, principalmente, a tua maneira de biographar que me suscitou estas desgrenhadas linhas de ultima hora. Tens o dom da sinceridade. Vaes sem atalho á Justiça. Feriste com certa pontaria os responsaveis pela morte de Odilon Machado. São elles, os egoistas poderosos, são elles, os auctores, indirectamente, do prematuro desaparecimento daquelle brioso espirito de moço. São os religionarios do *homo hominis lupus*—corações fechados á bondade, que só tratam de viver esplendidamente, em fofos requintes de gozo, a vida do demonio, a vida sem amor, sem sentimento, sem altruismo, sem aquillo de Petrarcha—«un gentil parlar in cui chiaro refuse, com somma cortezia, somma onestate».

«Nobre, austero e honrado» Odilon! Desappareceu victimado pelo egoismo dos homens, que elle mais serviu e honrou, e desatou-se da vida, sem um protesto, sem uma revolta, sem um ai!, illuminados pela candura de uma consciencia limpa e satisfeita!

Oxalá todos commemorem aquella existencia humilde, como Carneiro de Mendonça sinceramente a glorificou! ARGYMIRO ACAYABA.

DOIS EXTREMOS

Nesta lenta, feral e perfida agonia
Em que ha tanto soluço, exaustão de soffrer,
Ora sinto, querida, uma grande alegria,
Ora um grande desejo infrene de morrer.

Sinto-me alegre quando, ó donzella adorada,
O' meu santo amor, ó minha cara santa,
Enxergo-te ao meu lado, altiva e immaculada,
Um riso a me esmolar, que me alenta e me encanta.

Sinto-me triste quando ha já passados dias
Transporto-me e contemplo o meu viver de outr'ora,
Repleto de illusões joviaes e luzidias
E com o viver comparo atroz que levo agora ;

Com o viver tenebroso, amargurado e triste
Que eu levo solitario, aqui, neste deserto,
Sujeito a immensa dor que no meu peito existe,
Sem ti, sem teu olhar, de lagrimas coberto.

Sinto-me alegre, quando as cartas amorosas,
Que me escreves, fiel, desde que me deixaste,
Releio solitario, o' linda irmã das rosas,
E vejo que inda vive o amor que me juraste.

Esse amor irrial que me alenta e me ensalma
Em meu peito a lançar clarões de plenilunio,
Esse amor que a sorrir illumina minh'alma
Nos dias hybernaes de tedio e de infortunio.

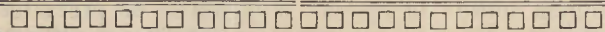
Crucia-me, porém, minh'alma entrecortada
(E eu sinto uma vontade immensa de morrer)
O saber que estás longe, ó minha estrella amada,
Num sitio em que eu, talvez, jamais te possa ver.

Ha dias que aprecio o fúnerario canto,
O rugir do trovão, a torva tempestade,
E os lamentos feracs, os soluços, o pranto
Dos tristes corações que gemem de saudade.

Outros dias, prefiro o gorgoeio das aves,
As lyras, o piano, a musica sonora,
Os canticos de amor, os violinos suaves
E a belleza sem par do despontar da aurora.

M assim, nesta agonia, ó virgem carinhosa,
Desesperado, vivo a batalhar sem norte,
Exaustão o coração, minh'alma laerimosa,
Entre o nectar da vida e a tortura da morte.

JOSÉ S. DO PATROCÍNIO.



LINHAS SINGELAS

MAIO

I

Maio floresce ; anda pelo céo uma belleza indefinida. Os dias são calmos e é morno o calor do sol.

Bipartidas aqui, multifragmentadas acolá, ora wais juntas, ora mais esparsas, as nuvens têm o aspecto de irregulares malhas de marmore branco, presas na curva azul do ether. São claras, brilhantes, de uma brancura de camelia.

A luz, diffusa, cõa-se no espaço, quebra-se em arestas polichromas, de encontro aos pinaculos das serranias.

Neblinas, leves como as phantasias da juventude, levantam-se em espiraes pelo ar, convulsionam-se em volteios exquisitos ; em seguida avolumam-se mais e depois se dilatam ; como as aspirações immensas da felicidade. Simulando uma triste despedida, entrelaçando-se intimamente, estreitam-se mais forte ; logo após, uma das outras se destacam, scindem-se em mil pedaços e, finalmente, imagens de sonhos, desaparecem.

A orchestração melódica das aves erra ; unido

a cada som, irmanado a cada melodia, o nosso pensamento canta tambem. Cada passaro, na sua ballada, é um artista perfeito, e cada hymno que brota de sua garganta é uma peça de sublime perfeição. O esplendor dos dias embriagados e nos circumda de admiraveis impressões.

A irradiação do espaço, espalhando-se na ondulação das aguas, recorda-nos as pompas festivaes da natureza. A's vezes, as manhãs enchem os campos de densas nevoas ; um perfume de rosas agrestes passa pelo ar em fóra. Em outras occasiões, desde a alvorada, o firmamento transparece, claro e azul, como o idyllo de uma creança.

A aurora representa uma apothese ao trabalho : as chammas, que se encontram á beira do levante, symbolizam a tenacidade do pensamento humano, quando actua, cozido á ardua conquista de um ideal.

Como o sol, a alma, a intelligencia do homem, em acção, inflamma se toda, dentro do cerebro, numa igniscencia de luz.

II

O mez de Maio tem qualquer coisa de divino. Já o temos passado no interior do nosso paiz, onde habitamo suma casinha pittoresca, na frescura da vida do campo. A's manhãs, as bençams de nossa mãe trazem-nos o ardor de uma nova fé, e ás tardes, proporcionam-nos os seus sorrisos de doçura e as recompensas do trabalho.

Si descancamos algum dia, acompanha-nos um livro, e sob a frescura do pequenino pomar, pomon-nos a sonhar, acordado. Quando em silencio, atraem-nos as questões scientificas, inextricaveis, difficeis. Surjem-nos á frente problemas encantadores a principio, áridos depois ; e em nos achando encarniçado no assumpto, atido ás paginas do livro, um grandioso espectaculo começa. Afina-se o côro das laranjeiras. Sob as frondes ramalhudas, surdem sonatas inimitaveis, que só mesmo a voz do divino, pela garganta das aves, poderia cantar. Essas melodias, desencontradas e extravagantes, nos levam á embriaguez. Fojenos a imaginação para a amplidão dos céos, e emquanto isso, passam rapidas as horas. O livro tomba para um lado ; eis-nos nas delicias de um sonho. Olhando por entre os galhos das arvores, vemos que os pedaços azues do infinito vão-se tornando opalescentes. A musica das aves, a pouco e pouco, enfraquece-se, e um tom violaceo cobre a cupola do firmamento. Esmaece a luz e declina o dia.

De uma vez a musica cessa. Como quem desperta do somno, acordamo-nos daquella embriaguez amada. Fitando o poente, não mais vemos o sol ; unicas, as nuvens, tintas de roxo, mostram-se envolvidas por um forte frizo de oiro. O dia agoniza sob as luzes mysticas do crepusculo ; o cahir da tarde, cheio de variadas paizagens, chama a attenção desde logo. Mais alguns minutos, e vem a noite.

Encantadoras, as noites de Maio ! . . .

Durante ellas, fazem-se as solennidades religiosas do Mez de Maria, com uma notavel concorrencia de povo.

Para essas festas, os incumbidos de as organizarem, enchem os templos catholicos de ornamentação graciosa; a configuração torna-se magnifica pela diversidade dos adornos, e a iluminação profusa, vivamente banhando o recinto, transfigura a cerimonia, pompeia aos assistentes um scenario attrahente, de ricos cambiantes. A suavidade da voz do organ augmenta o esplendor do acto; imitando flauta ou violino, nos faz esquecer os males da vida, sob a symphonia das arias languescentes. Notas sonorosas desprendem-se da bocca das mil almas infantis que se acham presentes. Cantam. O cantico das crianças, ensaiado na harpa de seus labios, em taes momentos é divino. E' doce como uma sonata acompanhando o cortejo das inspirações juvenis pelos tabernaculos da primavera em flôr. Em toda a sua voz ha a musica das alvoradas, o rythmo delicado da innocencia, esculpido nas pétalas de uma rosa. Tudo ali resplandesce na cadencia harmoniosa das graças, porque a infancia é a vida na floração do sorriso.

Terminadas as solennidades de cada noite, entre o grito dos sinos e o estrepito dos foguetes, ficam desertos os templos. Ao se dispersarem pelas ruas, estariam-se todos na contemplação do luar e do céu. Os astros fremem, vibram, seduzem a nossa vista, como se fossem esperanças palpitantes.

Patheon enigmatico de Kepler ou de Copernico, onde firmaram elles a galeria das suas observações, o firmamento, nas noites de Maio, resplende de fulgor e de pureza, na casta limpidez da atmosphaera.

A lua é uma lagrima de prata rolando pelo semblante do infinito, e os planetas parecem genios que se enamoram e se cortejam, na volupia sideral da gravitação, uns com scintillações de rubi, outros semelhantes a rutilas perolas de nacar, desordenadamente soltos na profundeza do céu, descrevem, no espirito de quem os fita, a harmonia dos mundos e a grandeza do universo. Desfazem-se as philosophias, desmembra-se o materialismo, escolas desmoronam-se; á força de um imperativo cathgorico, de todas as evidencias e demonstrações a existencia de um Ente immaterial, infinitamente superior e perfeito, de subito se nos impõe.

Planetas e astros nada mais são que reticencias luminosas no concerto universal.

III

Tivemos, ha bem cuitos annos, occasião de sentir um grande deslumbramento, contemplando as noites de Maio.

Estavamos numa cidade que vive a muitas leguas arredada da viação feirea. Ella, a cidade, é uma reunião um tanto desalinhada de casas que se prolongam pela lombada de formosa collina, em grande extensão. Não tem a figura e nem tampouco o primôr da Paulicéa, onde ora residimos, mas nella se contém todas as bellezas naturaes, e ha maravilhas da natureza. O numero das ruas é limitado; constituem-se quasi que sómente de casas brancas, de construcção antiga. As vias urbanas não são

calçadas, á excepção de um calçamento feito de pedras brancas.

A impressão que nos trouxe essa saudosa localidade de Minas, na primeira vez que a vimos, descendo uma serra, á distancia, foi a de estarmos vendo uma estufa de pedras de granito sobre o verde luzente de um outeiro lonjinquo.

Depois de alguns mezes de permanencia naquella cidade serrana, tranquilla e boa, começamos a averiguar a sinceridade e a nobreza dos seus habitantes, que sabem verdadeiramente viver. Vivem, porque trabalham assiduos: e da persistencia no trabalho, a vida dimana.

E' triste aquella região em certos momentos, durante o dia: os moradores abandonam-na á manhã, e vão pelas estradas circunvizinhas, uns para as suas roças, e dentre estes, os pobres, principalmente; marcham outros em demanda dos cafezaes, a fazer a colheita do precioso fructo.

Alli, são bellos os cafezaes...

Cheios, vigorosos, fecundos, os pés de café, verdoengos, quedam-se, inclinando para baixo os galhos carregados; os fructos estão sazoados, rubros, intensamente rubros. Têm, nitida, a expressão de pequeninos elypsoides de coral, agglomerados ao cumprimento de uma vara flexivel. Em seu conjuncto, os cafeeiros, vistos de longe, descrevem harmoniosa apparencia, seguindo ora as depressões do terreno, ora as suas eminencias, ou ainda as passageiras planicies.

Ao vir do pôr do sol, regressam todos á localidade, e então tudo é festa, ha por todas as partes uma palpitação de prazeres renascentes.

E' gente hospitaleira, amiga, gentil na mais ampla extensão da palavra.

Naquella terra fagueira, são estupendas as noites enluaradas de Maio: devido á amplidão dos seus horizontes, a largueza do seu firmamento, alli o luar não é o que se sente em todos os logares, é, sim, particularmente fascinador. Quasi sempre, o espaço celeste está emancipado das nuvens e transformado em tela anilada e concava, no continuo tremeluzir de estrelas faiscantes. Nasce a lua e lança jorros de luz serena por todos os cantos, egualmente, e a cidade parece receber o reflexo de immensurado espelho: é um revérbero que vai a todas as partes, aos mais reconditos logares, despertando alegria e a admiração nos que, a essa hora, contemplam o infinito. E a bella deusa, despedindo raios argenteos das suas nevadas pupilas, sob a mansidão do seu cortejo, derrama, pelas varzeas e montanhas, os balsamos da paz e a sublimidades da pureza.

Comtudo, e apesar de triste, o que mais encanta é vêr a sua repercussão sobre as catacumbas da solitaria morada

Collocados ao mais elevado plano da cidade, os dois cemiterios ficam, unidos um ao outro, cheiamente absorvendo a luz do magnifico astro da noite.

Certa vez, observando a tristonha jazida dos mortos, veiu-nos funda melancholia. Projectando os raios intensos por cima de cada sepultura, a lua provocava em nosso espirito uma



reminiscencia misturada de saudades e maguas inexplicaveis.

E' que alli estavam mortos senhos, illusões, idyllos e chimeras; estavam reduzidos á poeira das ossadas, decomposta, a grandeza dos nobres, a pequenez dos miseraveis, a vaidade dos orgulhosos, a humildade dos pequenos. No tom pallido, de tristeza, daquellas mansões funereas, havia o fulgôr das aspirações dos homens esculpturadas no pó, revolvidas nas cinzas. O marmore dos mausoleus, frio como corações regelados, branco como a neve dos pólos, conformava-se á transparencia da luz, penetrando o seio do acampamento dos mortos.

Lá em baixo, ouvia-se vagamente o deslize do rio, em cujas aguas se insinuava bello reflexo do luar; e, para outras bandas, trovadores mellosos, apaixonados, cantando tristemente, misturavam maior tristeza á nossa visita feita á necropole. Naquelle momento, ferindo a lua os leitões dos mortos, bosquejava nos cemiterios um quadro portador de grandeza, que não synthetizava as glorias da humanidade e sim o effeito da mão canceladora da morte, sublinhando as desigualdades da vida pelo nivelamento do nada.

IV

Na corrente do tempo, já se escoaram tres annos após o em que assistiamos a essas scenas, nas noites de um raudoso mez de Maio.

Estamos longe, muito longe da cidade descripta; ella, calma e feliz, lá fica ao sul de Minas, cheia de caricias, jámais por nós esquecida.

Representando uma estação á beira dos caminhos que a nossa mocidade, ha pouco, percorria, evoca-nos o resurgimento da florescencia da vida, numa hora de grandes delirios. Nella, o mez de Maio vale por uma seducção: fital-o, sentil-o, é sentir e fitar o bello, ou melhor, extasiar-se deante da natureza, quando esta se encarna na magestade do esplendor.

HERVAL DE CAXIAS

S. Paulo, XII — VII — CMXI.

LOLA

AO JOANITO DE MORAES.

— Oh! cotovia encantadora, já? tão cedo? Fazia um friozito cortante. O «Araguaya» deslizava suavemente, como si se lhe tivessem apertado um «ski», e fosse deliciosamente, por uma planicie de gèlo, tinta de esmeralda.

Mangas de névoa estumada abrumavam, com tonalidades baças, a superficie do mar placido, que parecia coalhado. No céo calmo, a estrella d'Alva palpitava, piscando as suas palpebras de ouro pallido, num enlanquescimento morbido de somnolencia. Velas, como borboletas brancas, perdiam-se, branquejando até o horizonte pardo. De tempo a tempo, uma vaga, de cabelleira

branca, vinha, vinha e abraçava lubricamente o casco do navio inglez, soltando um queixume, num estremecimeeto languido.

Lola, jovial e palreira, viera, ainda com o cabello em desalinho, rosada, gargalhando. Trabalhava uma petulante «jupe-culotte» còr de cinza, em harmonia suave com aquella madrugada cinzenta e brumal.

— Então, que fazes? disse, escondendo, sob o collete, uma parte do laço de minha gravata encarnada, dado em fórmula d'azas de borboleta.

— Eu? perguntou, com um risinho fresco de criança ingenua.

Vim esperar a manhã, accrescentou, perscrutando o oriente lavado em perola.

Lola, a Laurinda, a trefega Laurinda que era o encanto e a graça esvoaçante nos bailes do Monróe, retirava-se do Rio, e ia espairecer um pouquinho lá pela velha Europa. Muito intelligente e activa, fôra educada no Collegio de Sião, onde preceptoras antigas e pacientes lheram um sufficiente preparo, como matolotagem necessaria para não fazer feio na sociedade.

Logo, porém, que se viu fóra daquelle czarão ascetico, deu de hombros aos livros sonoros de moral e deliberou instruir-se, observando, sem cotejos nem circumloquios, anatomicamente, os factos, na sua limpidez nua e immoral.

Foi ás principaes livrarias, comprou as obras de Zola, Balzac, Flaubert, Maupassant e compoz a sua bibliotheca.

Mas, sobretudo, dedicou-se ao estudo do grande problema francez, que Zola desenvolveu na sua celebre obra *Fécondité*.

Lola passava horas e horas, no silencio placido do seu quarto, com o *Vademecum* de Paris, o desenho completo da cidade, investigando, argumentando, o olhar dilatado e fixo sobre aquelle livro puro e verdadeiro, triste revelação de um meio corrupto.

Admirava em excesso aquelle casal, Mathews e Marianna, os seus esforços continuos, a labutação perenne e fecunda, o amor que prolifica, que robustece e accende a vitalidade nos seres.

Como odiava aquella caterva, que tinha horror aos filhos, e que os mandava lá para os arredores de Paris para serem criados como batorinhos, entre rastolhos asperos e tascas imundas!...

Sympathizou com o realismo, espancando esse fundo mystico que se depositara no seu coração, durante o tempo em que estivera no Sião, entre cicios de rezas balbuciadas, evocações religiosas, olhares de purezas languidas, dirigidos só para o alto, para o sereno céo azul e bondoso.

— Não, dizia ella, essa vida não deve ser entregue á serenidade religiosa de cenobitas, a sonoras harmonias das preces que se esbatem pela curva das cathedraes, a esses jejuns que maceram a gente no lento e estúpido silencio da abstinencia.

Odiava Wagner, com toda a sua abstracção melodramatica, que voava para o infinito; tinha horror a essa musica que injuriava a Venus

Tentadora, quando, em saltos tremulos, os violinos sentimentaes subiam, amparados pelo roncar retumbante dos violoncelos, e iam ás alturas cantar a derrota da carne.

Ah! quão differente era a musica italiana, a musica que enerva, que embriaga como uma essencia forte, que dá languidez e volupia. Essa é a reproducção exacta da vibração do organismo, brotada de uma instrumentação sensual, macia e voluptuosa. Essa sim, dava á gente vontade de dançar, fazer trejeitos, avançar violentamente em loucuras bestiaes.

Lola postou-se á amurada, muito loira, a olhar molemente o horizonte enevoado e distante, gozando a frescura deliciosamente voluptuosa da manhã. A mão arroxçada pelo frio tinha manchas, manchas, como se sob a epiderme lisa e fresca se coagulassem os globulos de sangue. As mangas curtas deixavam numa nudez atrevida os braços, até acima dos cotovelos, levemente enrugados com um ponto mais rubro. O busto, como si fosse talhado em marmore rijo, tinha as fórmulas duras e moças, as curvas firmes, sem descachimentos placidos. Sobre o peito, a chaga viva de uma rosa ardente e humida, de petalas palpitantes. Bem parecia que era o seu coração que tivesse saltado á flor daquellas carnes claras, e mostrasse a ardencia embriagadora de uma paixão. Na nuca, um mólho de cabelinhos de ouro, escapo da prisão scintillante de uns pentes de tartaruga, cravejados de pedras preciosas, brincava com aquella nudez macia de luar, num espanejamento caricioso.

Fiquei olhando vagamente, a alma muito longe, acariciando um cortejo de sonhos azues.

O mar largo, espelhado, evaporando a salgugem, tinha uma agua grossa, pesada e vagarosa.

— Mas, aventurei a dizer o que ainda não era uma pergunta, vaes á Exposição de Turim por certo. Deve ser empolgante, aquillo. Si não fosse a vida atabalhoada que vou ter, chegaria até lá.

Esprei ancioso uma palavra de Lola.

Amanhecia. Alguns criados subiam ao convez, trepavam pelas cordas, apagavam as luzes coloridas; outros, em vassouradas ligeiras, varriam palitos de phosphoros, cotos de charutos, fragmentos de papel, esparços aqui e acolá, out'os bruniam o metal dos balaustres, e lá, em baixo, começava o lufa-lufa dos criados, preparando a mesa, a baldeação na prôa, e o gyro do guindaste a tirar grandes pesos do porão. Outros, sob um toldo, descansavam, guaiando uma copla estrangeira.

A alvorada dissolvia numa claridade rosea os tons escuros da manhã. Havia uma quietude de descanso e somnolencia. De vez em quando passava, sereno e alto como uma torre ambulante, um paquete, todo ferros, que nos saudava com um apito longo e berrante.

De repente, uma nuvem de andorinhas emigrantes veiu deslisando na tela suave e azul do espaço, chilreando, e passou, fazendo um froufrou no ar, muito juntas, muito unidas, na calma grandiosa da manhã.

Lola virou-se e poz-se a falar da sua terra.

Não falava do Rio, falava do Brasil gigante, desse paiz complexo de tudo o que pode haver de mais rico, grande e magestoso.

Cascadeava um turbilhão de palavras, dando estalinhos com a lingua, gargalhando gostosamente, rosada, ondulando em suspiros arrulhantes, aquelle busto adoravel de mulher. Tinha a face a verter sangue. Bailava-lhe no olhar um fluido magnetizador, cheio de quebrantos, que descortinava um céu muito azul e muito bom, num recesso calmo, onde correm as aguas claras e puras de uma fonte. O colo, muito redondo e virgem, repelia, de quando em quando, a prisão doce de umas rendas, alvas como entrelaçamentos de jasmims.

Depois, começou a cantar baixinho um trecho de *Medje* de Gounod, soltando uns trinados de patativa. Falou de Veneza, com as suas gondolas boiando, placidas e serenas, no mar, que reluzia, calmo como um metal polido; de um combate nautico, em Pariz, no Sena; ah! aquillo é que valia a pena. E começou a enumerar as embarcações e a sua tripulação: uma, tinha a forma de marreca, librande, d'azas meio recurvas, sobrecarregada de jasmims e myosotis; outra, era um cesto, bem verde, como um bloco d'esmeraldas, boiando, pejado de rosas brancas, escarlates, amarellas, roxas, grandes, medias e pequenas. E havia-as de todo o feitio, altas, como olhares beatamente mysticos, ricas, pintadas a ouro e eriçadas de pedras que faiscavam, reflectindo phosphorescencias ardentes na agua mansa do Sena; umas, imitavam colibris, scintilando uma cor quente, ao sol; outras, de uma brancura immaculada, eram alvos cysnes serenos; outras, acinzentadas gaiotas num eterno ensaiar de vôo. Por cima das azas sobre o pescoço, dentro daquelles corpos fluctuantes, eram tufo de açucenas que tremiam, eram violetas roxas que deslizavam lagrimas, cheias de um sentimentalismo dolorosamente melancolico, eram brancuras envoltas no sangue retinto das rosas, no amarello alegre dos topazios, no azul immaculado e santo das saphyras tristonhas.

Arfava. Continuou, porém, a falar; e falou dos passeios, dos theatros, dos cafés, dos rumorosos boulevards sonoros, cheios de sombra fresca e aprazivel, das operas, da tetralogia de Wagner, detestando-as todas. Gostava da *Aida*, embora velha, de *Othello*, o mouro ciumento, e adorava *Iago*, com toda a sua barbara perversidade.

Parou; tinha a face escaldada, o olhar muito limpo e brilhante.

Ja tarde. O mar achamalotado piscava, lançando fulgurações ardentes ao ar loiro do sol. Do horizonte largo e vagamente diluido na distancia enfraquecedora da vista, vinha uma brisa, cheia de salgugem, que passava assobiando na cordoalha do navio, como a minuatira do noroeste cortante. O *Araguaya* começou a dar galões suaves, montando os bojos tumidos das ondas borbulhantes. O céu, calmo e lavado, tinha uma serenidade franca e radiosa, onde a vista da gente se afundava, num desejo sofrego de se lhe sentir os confins, vagamente pallidos.

Virei. Ja convidar aquella mulher excepcional a descer. Tinha o cerebro como um brazeiro revolvido. Rodopiava-se num turbilhão

de pensamentos desencontrados, com impetuosidades ousadas e fraquezas timidas; clarões de alvoradas desapareciam no horror lugubre de trevas compactas, e si a minha alma se aninhava nas circumvoluções cinzentas e moles do meu craneo, logo se debatia, frenética, em hesitações, á pressão de mil desconfianças.

Alli, a dois passos, estava Lola, com toda a riqueza dos seus cabellos d'ouro e dos seus olhos de saphira e do seu busto heril. Cahi em mim; ia fazer uma loucura.

Em baixo, deram o signal do chá.

Lola, em frente ao sol glorioso e fecundo, num banho maravilhoso de luz, tinha os olhos muito abertos, cheios de um vago mysticismo. No canto de cada um delles, mostrando dois iris deslumbrantes, estavam, redondinhas, como contas de um colar castoso, duas lagrimas com os reflexos azues daquellas amaveis pupilas azues.

HORACIO RAMOS.

ANALPHABETISMO

O sr. William Bryan, que S. Paulo teve a honra de hospedar e de ouvir por alguns dias, logo que regressou ao seu paiz, apressou-se em dizer publicamente o que viu e observou no Brasil. Além das nossas bellezas naturaes, maximé as do Rio, onde Deus, sem hesitar, «poderia collocar o paraíso»; ao lado dos nossos homens publicos, das nossas industrias, dos nossos productos, que tanto lhe impressionaram, feriu tambem a sua attenção o nosso analphabetismo.

Embóra a recente passagem de s. s. por aqui fosse curta e justamente pelos pontos mais populosos e adeantados — ao seu espirito arguto, bastante conhecedor dos homens e das coisas, não podia passar despercebida uma das nossas maiores calamidades nacionaes.

Desgraçadamente o sr. Bryan tem toda a razão.

Todo aquelle que ama verdadeiramente este abençoado torrão — levando esse amôr ao ponto de não enxergar-lhe sómente a decantada grandeza, mas sim tambem os seus innumerados defeitos, relanceando um olhar frio e prescutador pela sua vastidão, pelo atrazo em que jaz o seu povo e pelo reduzido numero de suas escolas, necessariamente ha de chegar a esta dolorosa conclusão: ainda não sabemos lêr!

Somos um povo de analphabetos, vivem a repetir os jornaes.

Em que pése aos optimistas, *chauvinistas*, queriamos dizer, o estadista americano, de envolta com algumas amabilidades, atirou-nos á face uma grande verdade. Grande e amarga, é certo, mas uma verdade. E, si todos os nossos visitantes illustres tivessem a desenvoltura e a sinceridade do sr. Bryan, é muito provavel que

a setta desferida pela sua justa observação, e que tão de perto deve ter irritado o nosso mal contido amôr-proprio, calasse fundamente no animo daquelles a cuja guarda estão confiados os destinos da nossa Patria.

Nas modernas sociedades é forte e accentuada a tendencia em dar combate de morte a todos perigos que ameaçam a estabilidade de suas instituições. O analphabetismo é um desses perigos.

E' ocioso citar exemplos de nações seculares, infelicitadas por esse terrivel polvo, cujos tentaculos constituem para ellas um verdadeiro entrave ao seu progresso, quer paralyzando-lhes a marcha, quer reduzindo-as a um completo aniquilamento.

Na culta Europa, paizes de tamanho dezenas de vezes inferior ao nosso, cortados de faceis meios de transporte, não contentes com as escolas das suas cidades, cogitam ainda de instruir todos os seus habitantes, mesmos os dos mais longinquos villarejos. Existem já n'alguns delles os professores denominados «ambulantes» que ensinam aqui, alli, por toda a parte e em todos os logares onde a sua presença é reclamada.

E que diremos do nosso paiz, novo, colossal, inexplorado, habitado por diversas raças e em pleno caldeamento?

Entre nós, mesmo nos pontos em que a instrucção se acha mais ou menos diffundida, ella ainda constitue por assim dizer um certo privilegio, não está ao alcance de todos: os seus beneficos influxos não se derramam intensamente por todas as camadas sociaes.

Muitissimos infelizes ficam ainda privados da luz. Haja vista, por exemplo, essas pobres crianças que madrugam para a vida, passando os dias nas fabricas; os que vivem afastados das cidades, entregues ao pesado labor dos campos, ou aquelles que, vivendo nas cidades, mas a pobreza paterna as incompatibiliza com a decencia exigida pelos nossos estabelecimentos de ensino, nos quaes não é raro que os poucos logares existentes são para os predestinados; aquellas, em fim, que ficam entregues á mais completa ignorancia, devido á criminosa indifferença de seus paes.

Felizmente, entre nós, já se vai comprehendendo a importancia do assumpto. Secundando a acção intelligente do governo, alguns dos nossos homens, animados de nobre intuito, empenham-se com denodo na solução desse magno problema. Assim é que registramos com prazer um projecto de «ensino obrigatorio» apresentado ha pouco na reforma do ensino do Districto Federal, pelo sr. conselheiro Leoncio de Carvalho.

Praza aos céos que esse projecto, em tão tão boa hora elaborado, seja discutido e estudado convenientemente e afinal transformado em lei, adoptado por todo o paiz.

A sua acceitação se impõe, pois virá ferir de morte o mal que tanto nos vexa e nos deprime.

São Paulo—1910. ODILON MACHADO.

(D'O Character).

ESMERALDA

Esmeralda, poema do sr. Plinio Motta

Esmeralda é o livro melhor que, nestes últimos dez annos, cançados de litteratura, se produziu para delicias de quem sabe ler. E si um ou outro defeito acaso alguém deparar no poema paradigma, modelarmente perfeito — é de certo que esse alguém não sabe ler ou precisa de oculos á deficiência da vista. Um prefacio é melhor par de oculos que eu conheço: através um *Esmeralda*, esplende a magnifica figura gentilissima de uma estatua grega! Belmiro Braga, bonissimo poeta, em preambulos sem rebufos, desvenda-a admiravel á curiosidade pacovia daquelles que enchem a propria vacuidade de juizo critico com alheia opinião. Assim, é mais commodo e mais ao alcance de muitos.

Eu, por exemplo, si não lesse antes dos versos a prosa do Belmiro, talvez achasse o livro pessimo; li-a: achei-o optimo. Lavo as minhas mãos.

E' que o prefacio é alguma cousa maravilhosa por um extraordinario poder transformador: um livro que fosse pessimo só teria um modo de ficar optimo: era se procurar o *fiat* de um prefacio. Desse modo o prefacio sempre acerta. E, pois, não ha como segui-lo com a servilidade extatica de um indio que se prosterna ao sol! Que pena que ás estatuas se não ajustem prefacios: com esse apendice todas seriam *Venus* e se encontrariam em qualquer canto e ... com ambos os braços!

*
**

Era quasi ao crepusculo, numa tarde quasi fria, cheia ainda de uma luz modesta, emmurchecente, cariciosa, aveludando as cousas. Abri o folheto. *Paginas romanticas*, primeiras palavras que li, sós, numa folha muito branca de um papel muito bom, foram-me aperitivo á gula de romantismo nessa hora suavissima, em que, como em antecâmara, as estrellas vivem anceios de entrar pela noite afóra ... Havia até, digo-o em segredo e em parenthesis, uma estrelinha, muito pequenina e muito viva, que já espiava curiosa por detraz da cortina o que haveria no salão... Vi-lhe um piscar de ironia, que me fez sorrir... Abaxei o olhar e voltei a folha. Tinha prefacio. Consultei-o. E o prefacio me falou: é um poema encantador. Vira a pagina, meu amigo!

*
**

Pobre pequenina estrella que me não ouviste ler, de tão longe que estavas! Era lindo, meu bem! Mas, eu te conto ... E' uma historia originalissima e triste, doridamente sonora em sextilhas, que são como estrellas, tuas irmãs.

Fossem infinitos os versos e *Esmeralda* seria um céu num immenso livro, cheio de estrellas! *Esmeralda*, já advinhaste, é o nome precioso della. Elle é Luiz. Lindos nomes! Esquecia-me, ha mais alguém: Zé Mulato, uma cousa má neste céu. E. se apaixonou por L.

e vice-versa. Pede-a em casamento. Ella é rica, elle é pobre: recusam-no. Mas,

«dizer-se não a quem ama
é o mesmo que dizer *sim*.»

Pode ser que assim não seja ahí no céu. Paciencia: é assim aqui na terra. E, pois Luiz, como recurso extremo,

resolve furtal-a, então»

— Não me interrompas, espera ... Zé Mulato, ao serviço de Luiz, combina com *Esmeralda* um signal.

«Na hora determinada,
Ella um «psio» ouve vibrante
E foge, no mesmo instante,
Seguindo o vulto, veloz.»

E correm, correm, correm...

Algumas de vós chamam os homens de estrellas cadentes. Mas, pensas que não sei que são estrellas raptadas por astros embuçados?

Imagina, pois, o medo que sentirias, si, em vez de te encontrares ao lado do astro louro, teu bem amado, te encontrasses sobre o seio pelludo de um cabrocha aspero, depois de seres arrebatada em trefegas correrias pelo céu! Pois, á *Esmeralda* aconteceu essa noite, de que nasce aurora ... Corriam ... Eis, senão, quando, á luz de um relampago,

«ella se vê presa nos braços
de Zé Mulato, o traidor.»

Ao fecho de ouro do poema, a estrelinha tremia tanto, coitadinha! rodeada por outras estrellas receiosas. Mas, de certo, a emoção que ella sentiu bem valeu aquelle medo. Que ideia e que forma. Eu pensava, quando li *Paros*, que nunca mais se escreveria cousa melhor.

E escreveu-se *Esmeralda*! Bem hajás, Plinio Motta!

JUAREZ LOPES.

▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽▽

IN MEMORIAM

No ultimo numero do «Onze de Agosto», foi grande a parte consagrada á Morte. Nada menos de cinco nomes, de cinco nomes caros e saudosos, allí appareceram funebremente sublinhados de negro. E' summamente triste assignalar um semelhante facto. Mais triste, porém, é lembrar que á tão longa nomenclatura de queridos mortos se deve ainda acrescentar um nome.

No começo deste anno, que—ai de nós!—tanto luto tem trazido á Academia, no ermo de uma longinqua fazenda a cuja posse chegára, poucos mezes antes, mediante uma série de intelligentes e audaciosas transacções, — morria quasi solitariamente, ignorado do mundo que elle tanto amava e dos amigos que o amavam tanto, um estudante desta velha escola. Tão silenciosamente occorrera o facto calamitoso, que a mui poucos foi dado terem delle immediato conhecimento. A mim, a quem a intimidade resultante de uma rija e antiga amizade como que conferia o amargo direito de receber pri-

meiro a nova da catastrophe, a noticia só chegou, retardadamente, trinta dias após ao desenlace brutal. E é possível que para muitos dos amigos do morto a revelação do acontecimento sinistro esteja nestas linhas, que a saudade inspira.

Raul Moreno de Mello não foi popular na Academia. Poderia ter sido. Merecia mesmo sel-o. E sel-o ia, de facto, si a ancia de mergulhar depressa no mundo dos negocios, na «vida pratica» como, euphemicamente, se diz aqui, não o levasse a fugir, como de um vicio, das palestras deleitosas e interminaveis do claustro. A popularidade social só se adquire pela convivencia. Ora, Raul Moreno de Mello tinha o habito lamentavel, mas tão em voga, de desertar a Academia. Escassamente apparecia aqui. E, quando vinha, sempre o torturava uma pressa, o preocupava a solução urgente de um negocio. De maneira que a sua presença nestes pittorescos logares, onde, ha quasi um seculo, gerações e gerações de moços se succedem em uma vida de riso, illusão, idealismo, bobemia, tinha a durabilidade fugaz daquellas rosas celebradas e ephemerás. Não foi, por isso, popular. Mas só por isso. Porque, para desfructar largamente o divino prazer de vastos conhecimentos, vastas invejas, odios vastos, que são em toda a parte os necessarios complementos da popularidade ou, talvez, a popularidade mesma, não lhe min-guavam predicados.

Sem ser positivamente um talento, Raul Moreno de Mello possuia uma intelligencia lucida e capaz. O veio precioso da ironia não era nelle estanco. Tinha a visão salutar do ridiculo, sabendo-o manejar, o que é excellente, e sabendo-o evitar, o que é raro. Abominava, cordialmente o logar commum. Amava com sinceridade o trabalho, e — qualidade sobre todas valiosa! — sabia soberbamente querer.

Da sua prodigiosa força de vontade é um exemplo frizante o modo como resolvera estudar e o fizera. Tendo, em menino, interrompido os estudos, creio que por motivos de ordem economica, nunca mais lograra reatal-os. Um bello dia, porém, contando já para mais de vinte annos, brotou-lhe no cerebro sensato a sensata idéa de que o diploma de bacharel nem sempre é o traste incommodo e inutil, que costumam dizer os que não são bachareis. Com essa idéa poz-se no trem, e chegou a S. Paulo. Não juro que da estação tenha ido directamente á livraria. Mas não creio mentir affirmando que, no outro dia, já o improvisado estudante se iniciava com proveito nas oito disciplinas de que, no fim do anno, contava fazer acto. Fez o que contava. Fel-o, porque o quizera fazer. Nelle como em poucos, o poder dependia simplesmente do querer.

Se eu pretendesse traçar em todos os seus nobres contornos a silhueta suggestiva de Raul, teria de prolongar infindavelmente estas linhas, o que, de certo, não seria de bom gosto. Mas para que o choreis, ó vós que não tivestes a dita de tratá-lo, é bastante a melancolia

particularidade da sua morte prematura, deixando desamparado, na allucinação de uma dôr insondavel, o viuvo pae venerando. E quasi só a vós se destinam estas linhas. Porque, para o coração dos que conheceram Raul Moreno de Mello sangrar sentidamente, não é preciso dizer o que se perde nelle. A só noticia da sua morte chega para magual-os. Basta, laconicamente, adeantar que Raul Moreno de Mello morreu.

Faculdade de Direito, Julho, 911.

ROBERTO MOREIRA.

RICARDO GONÇALVES

Ricardo Gonçalves, o magifico poeta tão legitimamente admirado e estimado na Academia, não abandonou, ao contrario do que, com malicia talvez, se rosnava, o culto nobilitante da Arte. Na remansosa solidão, em que vive, de uma pequena cidade vizinha de S. Paulo, Ricardo trabalha fecundamente, produzindo formosos versos. *O Onze de Agosto* tem hoje o raro prazer de apresentar aos seus leitores uma das ultimas produções do poeta. São uns delicadissimos e maviosos versos, de um lyrismo encantador e tocante, que Ricardo compoz e dedicou ao filhinho de um amigo commum, de quem os houvemos para publicar. Eil-os :

Ao R. M.

(PARA O TEU FILHINHO)

Eu sei de certos senhores,
Que desdenham, serios, graves,
O doce aroma das flores
E o terno canto das aves.

Rudes, a alma empedernida,
Não sei de emoção que os vença.
Desconhecem -- dôr immensa! —
O que ha de melhor na vida.

Não sabem que ás vezes cura
Desalentos, desenganos,
A buliçosa ternura
De um cherubim de dois annos,

Nem quanta meiguice espelha
O doce riso innocente
De uma boquinha vermelha
Que espera o primeiro dente.

